

Rebelo de Bettencourt e Fernando Pessoa: Dois poemas publicados no *Diário dos Açores*

Vasco Rosa*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Rebelo de Bettencourt, poesia, *Diário dos Açores*, Névoa, Minuete invisível

Resumo

Este texto apresenta o poema “Névoa” de Fernando Pessoa, publicado pela primeira vez no *Diário dos Açores*.

Keywords

Fernando Pessoa, Rebelo de Bettencourt, poetry, *Diário dos Açores*, Névoa, Minuete invisível

Abstract

This text presents the poem “Névoa” by Fernando Pessoa, published for the first time in the *Diário dos Açores*.

* Editor e investigador independente.

Jornalista açoriano (1894-1969), Rebello de Bettencourt participou no *Portugal Futurista* escrevendo sobre o seu amigo Santa-Rita Pintor; e na revista-magazine *Lisboa Galante*, de que foi redactor-principal, defendendo, contra Sousa Lopes, que os pintores modernistas fossem representados no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa; isto em 1929, oito anos depois da célebre polémica dos Novos, sobre a apresentação destes na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Do convívio lisboeta dessas vanguardas, na companhia presumível do seu conterrâneo Armando Cortês-Rodrigues, Rebello haveria de dar testemunho no livro *O Mundo das Imagens: Crónicas*, saído pela editora Ressurgimento em Maio de 1928, onde se refere a Almada Negreiros (páginas que merecem ser lidas) e a outros, entre os quais, como não podia deixar de ser, Fernando Pessoa (pp. 75-78).

Na sua *Pessoana – Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*, José Blanco (2008: 131) identifica esta publicação, mas a sua sonda (6214 entradas, 924 páginas) não alcançou a página “Letras” do *Diário dos Açores* de 17 de Julho de 1930, onde Rebello Bettencourt replicou o seu texto, juntando-lhe dois poemas de Fernando Pessoa, um dos quais, “Névoa”, nunca recuperado. Agradeço a Jerónimo Pizarro a bondade de os dar também aqui.¹

Bibliografia

- BLANCO, José (2008). *Pessoana – Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CABRAL MARTINS, Fernando (2010), “Bettencourt, Rebello de (1894-1969)”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins, coordenação. Lisboa: Caminho, 2010, p. 86.

¹ Rebello de Bettencourt também publicara, em 1920, pela Livraria Editora Andrade, de Angra do Heroísmo, *Os Novos Escritores – Ensaio de Crítica Nacionalista sobre a Arte e as Ideias da Nova Geração*. Fernando Cabral Martins (2010: 86) não se lhe refere no seu verbete sobre o açoriano no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*.

Versos de Fernando Pessoa

Minuete invisível

Ela não sugere,
Pálida, a pouca luzes
Nestas da hora lunar...

Poemas e outras a ler...
Pálida, a pouca luzes
Nestas da hora lunar...

Poemas e outras a ler...
Pálida, a pouca luzes
Nestas da hora lunar...

Poemas e outras a ler...
Pálida, a pouca luzes
Nestas da hora lunar...

Poemas e outras a ler...
Pálida, a pouca luzes
Nestas da hora lunar...

Névoa

A névoa envolve a montanha,
Iluminada, um feto deus.
O que a névoa envolve
É o que a névoa envolve...

Fernando Pessoa

Em sua obra fragmentária a obra de Fernando Pessoa,
uma obra dispersa, mas que,
pelo poder da sua originalidade,
pela vida intensa da sua poesia,
existiu e permanece inconfundível e viva.

A Europa está farta de não existir ainda. Está farta de ser apenas o arrolado de si própria.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

Querida, não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda. Não se desiluda.

NOVIDADE LITERÁRIA

Do "Livro Profano"

de Jaime de Balsemão
transcreve-se o conto
"A divina mentira"

Serviu-o o assado O Manoel,
atento como quem a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Serviu-o o assado O Manoel,
atento como quem a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Serviu-o o assado O Manoel,
atento como quem a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Serviu-o o assado O Manoel,
atento como quem a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Serviu-o o assado O Manoel,
atento como quem a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Serviu-o o assado O Manoel,
atento como quem a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Serviu-o o assado O Manoel,
atento como quem a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

"O Livro Profano,"

de Jaime de Balsemão

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

Quasi ao fechar da época
artística da capital, esse período
foi uniformemente, sempre em
Portugal, de movimento pré-arte,
apartado e apartado.

MAXIMAS

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Acconha-me na vida,
o fideiussor o postal
Dilõe que a estrada
mais chã, mais larga e mais recta!

Do labor literário

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

Trêvos - Po. H.
Alicia Moderna - Li.
versos - Editora J.
de 1920

DIÁLOGO

Ante o panorama das Sete Cidades

Castilho de luz - Berço de sonho

Em tanta cura e vida e de tanta
estretor horisonte, que mal vai
tudo aquilo que certa ou outra
e coração ao que não existe de
bem e de belo, e o que é margem
ou depressa os instantes de felicidade
esta rídica cidade de instrução
que consagra, que organiza,
transforma, anima em binais!

Alá, nas comendas das Sete Ci-
dades, ante aquela paisagem de
maravilha e de beleza sem igual,
existe, objectivamente, um depa-
samento intuitivo, inconsciente,
sem todos podemos compreender,
sem possamos compreender de di-
recto, a realidade.

Quando escrevo como Jaime de
Balsemão, como a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Quando escrevo como Jaime de
Balsemão, como a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Quando escrevo como Jaime de
Balsemão, como a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Quando escrevo como Jaime de
Balsemão, como a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Quando escrevo como Jaime de
Balsemão, como a lara do prato,
apressava o seu trabalho.
A lara do prato era o prato.
A lara do prato era o prato.

Fernando Pessoa

É uma obra fragmentaria a obra de Fernando Pessoa, uma obra dispersa, mas que, pelo poder da sua originalidade, pela vida intensa da sua emoção, existe e permanece inconfundível e viva.

Santa Rita Pintôr tinha a faculdade de vêr as coisas d'outra maneira, exactamente como elas deveriam sêr; José d'Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossível numa realidade palpável, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos, e o proprio ritmo dos seus versos é também uma serie de ideias—ideias postas em musica.

É por isso que se nem todos entendem inteiramente o pensamento intimo dos seus poemas, ninguém se pode forçar á afavel sedução das suas rimas.

É preciso lê-lo com intelligencia e com sensibilidade—porque os seus versos não são como os versos de muitos outros poetas.

Quasi todos os poetas fazem-nos sentir as suas emoções e só elas, e o nosso coração, alheando-se de si mesmo—só estremece com o sentimento alheio. Fernando Pessoa, pelo contrario, faz-nos scordar ao mesmo tempo um novo mundo de imagens, que não são dele somente, mas são nossas também.

É tão complexa ou tão completa a sua personalidade—que teve que se desdobrar em Alvaro de Campos, nesse extraordinario engenheiro Alvaro de Campos, que ficou existindo só porque ele o imaginou.

Santa Rita Pintôr admirava-o como um dos mais interessantes espiritos da sua geração, como a melhor e mais forte intelligencia da nova literatura. E Santa Rita não se enganava, como não se enganou nunca nas suas apreciações, porque as fazia sempre mais com a intelligencia do que com a sensibilidade—embora nele a sensibilidade fosse uma intelligencia também.

Esparsa e fragmentaria é a sua obra quasi esquecida

no Orfeu, no Portugal Futurista, no Centauro e na Atena, mas o seu espirito original e creadôr, a subtiliza do seu pensamento, não hão de morrer tam cedo, antes estarão sempre, como amparo e guia, ao lado de todos quantos, sentindo na sua intelligencia a necessidade quasi fisica de sêr uma outra coisa, mais completa e perfeita, nela hão de sentir o precursôr dum grande movimento e a origem duma nova vida.

Fernando Pessoa sentiu também a exigente necessidade de se crear um novo homem, com um novo cerebro, vivendo e agindo num mundo novo. A velhice do mundo apavorava-o—e era absolutamente necessario que uma nova juventude viesse renovar a Europa envelhecida. E Fernando Pessoa, ou melhor, o Alvaro de Campos, exclamava:

«A Europa está farta de não existir ainda! Está farta de sêr apenas o arrabalde da si propria!»

Nela ardia pois o desejo firme de se descobrir um novo mundo, porque o que existia, era, quando muito, estrume e só estrume para o futuro.

Que faz Fernando Pessoa? Não sei. Mas quero crêr que ele não precisa fazer mais nada, porque a sua obra já está feita—e se esta d'alguuma coisa carece é de ser compreendida e depois de compreendida, continuada.

É digna de sêr compreendida e continuada a sua obra porque um lirismo inédito nela palpita, um lirismo feito de sentimento português e de intelligencia europeia.

A nossa literatura definhasse no limite estricto das nossas fronteiras, e não comove o mundo, exactamente porque lhe falta um sentido europeu, que, se o tivesse, lhe daria um caracter internacional, embora fosse, ao mesmo tempo, enraizadamente nacionalista.

É a obra dum português europeu a obra lirica de Fernando Pessoa.

Rebela de Bettencourt

(Do Livro: O mundo das Imagens)

Versos de Fernando Pessoa

Minuete invisível

*Elas são vaporosas,
Palidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar...*

*Vêm, aéreas, dançar
Como perfumes soltos
Entre os cantetros e os buxos...
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos...*

*Passam e agitam a brisa...
Pálida, a pompa indecisa
Da sua flébil demora
Patra em auréola à hora...*

*Passam nos ritmos da sombra...
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene...*

*E assim vão tudo, delirado
Seu perfil único e lindo,
Seu vulto feito de todas,
Nas alamedas, em rodas
No jardim livido e frio...*

*Passam sósluhas, a fio,
Como um fumo tido, a rarear,
Pelo ar longinquo e vazio,
Sob o disperso pelo ar,
Palido palio lunar...*

Névoa

*A névoa envolve a montanha,
Húmido, um frio desce,
O que é esta mágua estranha
Que o coração me prendeu?*

*Parece ser a tristeza
De alguém de quem sou actor,
Com fantasiada viveza
Toraxia fã minha dor.*

*Mas, não sei porquê, me doi
Qual se fora eu a ilusão;
E há névoa em tudo o que foi
E frio em meu coração.*

Anexo: *Diário dos Açores*, 17 de Julho de 1930.

Nota: Foi transcrito actualizando a ortografia. "Pessoa" está com acento circunflexo na publicação impressa.

Fernando Pessoa

É uma obra fragmentária a obra de Fernando Pessoa, uma obra dispersa, mas que, pelo poder da sua originalidade, pela vida intensa da sua emoção, existe e permanece inconfundível e viva.

Santa-Rita Pintor [-1919] tinha a faculdade de ver as coisas doutra maneira, exactamente como elas deveriam ser; José de Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossível numa realidade palpável, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos, e o próprio ritmo dos seus versos é também uma série de ideias – ideias postas em música.

E é por isso que se nem todos entendem inteiramente o pensamento íntimo dos seus poemas, ninguém se pode furtar à afável sedução das suas rimas.

E é preciso lê-lo com inteligência e com sensibilidade – porque os seus versos não são como os versos de muitos outros poetas.

Quase todos os poetas fazem-nos sentir as suas emoções e só elas, e o nosso coração, alheando-se de si mesmo – só estremece com o sentimento alheio. Fernando Pessoa, pelo contrário, faz-nos acordar ao mesmo tempo um novo mundo de imagens, que não são dele somente, mas são nossas também.

E é tão complexa ou tão completa a sua personalidade – que teve que se desdobrar em Álvaro de Campos, nesse extraordinário engenheiro Álvaro de Campos, que ficou existindo só porque ele o imaginou.

Santa-Rita Pintor admirava-o como um dos mais interessantes espíritos da sua geração, como a melhor e mais forte inteligência da nova literatura. E Santa-Rita não se enganava, como não se enganou nunca nas suas apreciações, porque as fazia sempre mais com a inteligência do que com a sensibilidade – embora nele a sensibilidade fosse uma inteligência também.

Esparsa e fragmentária é a sua obra, quase esquecida no *Orpheu*, no Portugal Futurista, no *Centauro* e na *Athena*, mas o seu espírito original e criador, a subtilidade do seu pensamento, não hão-de morrer tão cedo, antes estarão sempre, como amparo e guia, ao lado de todos quantos, sentindo na sua inteligência a necessidade quase física de ser uma outra coisa, mais completa e perfeita, nele hão-de sentir o precursor dum grande movimento e a origem duma nova vida.

Fernando Pessoa sentiu também a exigente necessidade de se criar um novo homem, com um novo cérebro, vivendo e agindo num mundo novo. A velhice do mundo apavorava-o – e era absolutamente necessário que uma nova juventude

viesses renovar a Europa envelhecida. E Fernando Pessoa, ou melhor, o Álvaro de Campos exclamava: “A Europa está farta de não existir ainda! Está farta de ser apenas o arrabalde de si própria!”

Nele ardia pois o desejo firme de se descobrir um novo mundo, porque o que existia era, quando muito, estrume e só estrume para o futuro.

Que faz Fernando Pessoa? Não sei. Mas quero crer que ele não precisa fazer mais nada, porque a sua obra já está feita – e se esta de alguma coisa carece é de ser compreendida e depois de compreendida, continuada.

E é digna de ser compreendida e continuada a sua obra – porque um lirismo inédito nela palpita, um lirismo feito de sentimento português e de inteligência europeia.

A nossa literatura definha-se no limite estreito das nossas fronteiras, e não commove o mundo, exactamente porque lhe falta um sentido europeu, que, se o tivesse, lhe daria um carácter internacional, embora fosse ao mesmo tempo enraizadamente nacionalista.

E é a obra dum português europeu a obra lírica de Fernando Pessoa.

Minuete invisível

Elas são vaporosas,
Pálidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar...

Vêm, aéreas, dançar
Como perfumes soltos
Entre os canteiros e os buxos...
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...
Pálida, a pompa indecisa
Da sua fébil demora
Paira em auréola a hora...

Passam nos ritmos da sombra...
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo
Seu perfil único e lindo,
Seu de todas,
Nas alamedas, em rodas
No jardim lúcido e frio...

Passam sozinhas, a fio,
Como um fumo indo, a rarear,
Pelo ar longínquo e vazio,
Sob o disperso pelo ar,
Pálido pálio lunar...

Névoa

A névoa envolve a montanha,
Húmido, um frio desceu.
O que é esta mágoa estranha
Que o coração me prendeu?

Parece ser a tristeza
De alguém de quem sou actor,
Com fantasiada viveza
Tornada já minha dor.

Mas, não sei porquê, me dói
Qual se fora eu a ilusão;
E há névoa em tudo o que foi
E frio em meu coração.